

SEXUALIDADE E ESPECTRO AUTISTA: UMA ANÁLISE DA SÉRIE ‘AMOR NO ESPECTRO’

Ana Silvia Periotto Calegari (PIBIC/FA), Eliane Rose Maio (Orientadora). Email: ermaio@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Ciências Humanas/Psicologia Social

Palavras-chave: Autismo; Sexualidade; Amor no Espectro.

RESUMO

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) traz consigo uma série de rótulos que enquadram aqueles(as) que são diagnosticados(as) em um determinado lugar em nossa sociedade. Dentre os diversos pré-conceitos impostos a esses indivíduos, encontra-se o da sexualidade. O objetivo desta pesquisa foi analisar a série australiana “Amor no Espectro” e, por meio dela, tecer paralelos com as pesquisas bibliográficas encontradas que discutem a sexualidade do(a) autista em suas relações sociais, familiares e individuais, utilizando-se de uma metodologia de cunho qualitativo documental. A série e os estudos analisados apontam para o fato de a sexualidade daqueles(as) no espectro se desenvolver tal qual nos neurotípicos, a questão, porém, gira em torno da aceitação da mesma por seus familiares, meio social e sociedade, de modo amplo, uma vez que percebem autistas como ditos inocentes e sem sexualidade. O Transtorno do Espectro Autista é tema cada vez mais comum nas diversas áreas do saber, entretanto, o estudo e pesquisa deste diagnóstico, atrelado à sexualidade, é escasso, uma vez que o tema da sexualidade, ainda é tido como tabu em muitos meios sociais, bem como o TEA, tornando-se necessária a ampliação desta discussão, em prol, especialmente, da saúde daqueles(as) com o diagnóstico.

INTRODUÇÃO

Neste PIBIC, nos valem de uma visão ampla da sexualidade, não a limitando a questões do sexo, mas a pensando como uma invenção moderna, influenciada por poderes religiosos, médicos, pedagógicos, identificando-se como uma série de práticas humanas que se efetivam nos corpos, como apresenta Larrauri (2000 *apud* Dall’Agnol, 2003).

A identidade sexual e sua construção são consideradas o ponto crítico da adolescência. Pressupõe, antes de tudo, liberdade de escolha, experimentações e identificações. Apesar de parecer simples, é um processo muito complexo, em que jovens irão experienciar expectativas sociais acerca de seu comportamento perante a descoberta da sexualidade (Dall’Agnol, 2003).

Machado (2021) apresenta que o termo “autismo” vem se popularizando nas diversas áreas do saber há algum tempo. A primeira vez em que aparece é em 1910, utilizado por Eugen Bleuler como um fator da psiquiatria do adulto. É na década de 40 que Kanner o constrói como termo diagnóstico na psiquiatria infantil. Machado (2021) salienta que o Transtorno do Espectro Autista se produz fora de uma linearidade, misturando ondas científicas que abordam diferentes propostas de trabalho e terapêutica. O Transtorno do Espectro Autista vai sendo construído pelo que a autora chama de “diagnóstica litorânea”, uma vez que seus limites crescem e abarcam o que, antigamente, eram conhecidas como crianças “anormais”.

Apesar de necessário e importante, o diagnóstico pode representar um rótulo que influenciará as percepções de terceiros(as) acerca das potencialidades daqueles(as) com TEA (Mercer, 1975 *apud* Pereira, 1996). Qualidades especiais, que dizem respeito às suas personalidades e individualidades podem ser facilmente perdidas ou mesmo ignoradas, pois o diagnóstico, geralmente, traz ênfase aos comportamentos ditos “negativos” e pouco ressalta comportamentos positivos.

Como o exercício da sexualidade se dá naqueles(as) com o diagnóstico do TEA? Este é o objetivo desta pesquisa, a partir da leitura de referenciais bibliográficos e da análise da série australiana “Amor no Espectro”. Entende-se que o desenvolvimento físico e sexual de pessoas no espectro acontece de maneira esperada em relação aos estágios de desenvolvimento. É o que mostram os resultados de uma pesquisa feita por Brilhante *et al.* (2021), intitulada *Eu não sou um anjo azul: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas*, a qual conta com diversas entrevistas realizadas entre 2017 e 2018 com adolescentes autistas. O foco da pesquisa era identificar as demandas acerca da sexualidade desses(as) jovens. São estes os resultados que encontramos e esperamos apresentar nesta pesquisa.

REVISÃO DE LITERATURA

Para o desenvolvimento desta pesquisa qualitativa documental, analisamos a série australiana *Amor no Espectro*, lançada em 2019 pela Emissora ABC. O seriado foi criado por Cian O’Clery, produzido pela Northern Pictures e atualmente encontra-se disponível na Plataforma de *Streaming Netflix*. A série conta com 2 temporadas, tendo cinco episódios na primeira e seis na segunda. Ao longo dos episódios, conhecemos diferentes pessoas no espectro que desejam encontrar um amor para a vida toda. Alguns(mas) mencionam casamento, enquanto outros(as) apenas buscam uma primeira experiência romântica. Cada cena foi analisada levando em conta o recorte da sexualidade no indivíduo com TEA; como a família lida com esta etapa e como pessoas com o diagnóstico encaram este momento. As análises das observações aparecerão na pesquisa ao longo dos resultados, configurando-se como exemplos para aquilo que estava sendo discutido. Além da análise da série, artigos e capítulos de livros foram utilizados para fortalecer o escopo teórico das temáticas abordadas no decorrer da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer da pesquisa, encontramos elementos que apontam para a dificuldade de mães, pais, responsáveis e professores(as) reconhecerem os(as) filhos(as), alunos(as) dentro do espectro como sexuados(as). De acordo com Brilhante *et al.* (2021), tal dificuldade está associada a falsas crenças, limitantes, sobre aqueles(as) com TEA.

De acordo com Kalel, adolescente entrevistado para a pesquisa citada, referente aos indivíduos com diagnóstico, “nós somos pessoas, a gente tem desejo, a gente sente as coisas, mas é difícil para nossos pais entenderem talvez até por que eles foram condicionados a nos olharem como anjos azuis” (Brilhante *et al.*, 2021, p. 3). Percebemos que esses desejos e vontades aparecem, em mais de um momento, na série analisada, como para Andrew, que no quarto episódio da primeira temporada diz que encontrar alguém para amar seria muito importante e, em uma escala de 1 a 10, isso definitivamente seria um 10.

Ao passo em que lemos a pesquisa realizada por Brilhante *et al.* (2021), percebemos a falta de comunicação que os(as) responsáveis mantêm com seus(suas) filhos(as) quando o assunto é relacionamento interpessoal. Uma vez que alguém desconhece um assunto, este pode se tornar assustador, e com indivíduos no espectro não é diferente. Teo, participante da segunda temporada de *Amor no Espectro*, expõe seus medos no que diz respeito a relacionamentos, quando diz temer ser deixada por seu(sua) companheiro(a), e espera por um encontro em que tudo corra maravilhosamente bem.

Vale ressaltar que a série foi filmada na Austrália, portanto há um recorte cultural e social que deve ser levado em consideração quando analisada. No Brasil, em todas as pesquisas lidas para a produção desta, não encontramos relatos de pais, mães ou responsáveis que apoiassem os(as) filhos(as) em seus relacionamentos amorosos.

CONCLUSÕES

Escrevo este Projeto, de PIBIC, a partir de uma experiência pessoal. Uma de minhas primas, de 18 anos, com o diagnóstico de TEA, começou a namorar um garoto com outros diagnósticos. Quando a notícia chegou, grande parte da família descreditou do relacionamento, dizendo que ela tinha “cabeça de criança” (*sic*), sem capacidade de entender o que era namorar, gostar e amar. Este episódio me instigou, será que ela não sabe sobre sexualidade, por estar no espectro, ou pelo fato de ninguém ter, até o momento, conversado com ela acerca desses temas?

No desenvolver da pesquisa, a resposta se evidenciou. Assim como para a maioria daqueles(as) com o diagnóstico, minha prima teve sua relação invalidada a partir de uma visão capacitista.

Sexualidade, sexo, relacionamentos são, muitas vezes, temas tabus em muitas famílias e meios sociais, especialmente dentre os(as) neurodivergentes. Esse receio

em desenvolver o tema acarreta diversos prejuízos para a vivência saudável de pessoas com TEA.

No campo da pesquisa, percebe-se o atravessamento deste tipo de preconceito, uma vez que pesquisas que relacionam autismo e sexualidade não são tão encontradas, ou ao menos difundidas, quanto aquelas que falam isoladamente do autismo ou da sexualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Jackeline Freitas, minha namorada, que me incentivou e ajudou ao longo de todo o processo, oferecendo colo para os desabafos. Obrigada, seu carinho e apoio me sustentam.

Aos(Às) meus(minhas) colegas e familiares, a gratidão é a mesma! Os conselhos e risadas, em momentos de descontração, me fortaleceram a continuar. Um agradecimento especial para Maria Eduarda Berti, minha amiga, que dividiu e divide comigo, com certo desespero, as dificuldades encontradas ao longo do desenvolvimento desta pesquisa.

À Eliane Maio, minha orientadora, obrigada. Obrigada por se desafiar a adentrar terrenos talvez não muito explorados por você e topar me guiar ao longo desta caminhada.

Por fim, não menos importante, agradeço à Fundação Araucária, órgão responsável por promover e financiar minha pesquisa acadêmica. Espero que a cada ano a pesquisa nacional se fortaleça e, para isso, vocês são fundamentais, obrigada!

REFERÊNCIAS

AMOR no Espectro [Seriado]. Direção: Cian O'Clery. Produção: Northern Pictures. Australia: American Broadcasting Company, 2019.

BRILHANTE, A. V. M. *et al.* "Eu não sou um anjo azul": a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. **Ciências & Saúde Coletiva**, p. 417-423, [S/l], 2021.

DALL'AGNOL R. S. A sexualidade no contexto contemporâneo: permitida ou reprimida? **Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 4, n. 2, p. 26-31, [S/l], 2003.

MACHADO, L. V. **O autismo na pólis: efeitos sobre o lugar da criança no imaginário social no Brasil**. 2021. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-24072021-133508/publico/machado_corrigida.pdf. Acesso em: 2 jul. 2024.

PEREIRA, E. G. Autismo: do conceito a pessoa. **Secretaria Nacional de Reabilitação**, Lisboa, 1996.

33º Encontro Anual de Iniciação Científica
13º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



10 e 11 de Outubro de 2024

